

O avesso do avesso: as mazelas da endogamia

João Cezar de Castro Rocha

Resenhas e resenhas

Em resposta pouco polida a uma notícia dedicada à *Crítica da razão pura*, Immanuel Kant acusou o resenhista de não ter lido o texto, no entanto mencionado com desenvoltura. O imprudente crítico confundira os conceitos de transcendental e transcendente!

“Sem comentários”: eis a conclusão kantiana.

Pois é.

Lembrei do episódio ao ler a resenha que Lidiane Soares Rodrigues achou por bem compor sobre meu livro *Machado de Assis: por uma poética da emulação*.

A resenhista Rodrigues, contudo, é mais astuta e pinça, aqui e ali, números de página a fim de afiançar a seriedade com que se empenhou no exercício crítico. No entanto, ela teria feito melhor uso de seu talento adquirindo familiaridade com os estudos literários, em geral, e a obra machadiana, em particular.

Vejamos.

No primeiro parágrafo de sua “resenha”, a autora faz gala de erudição invejável listando os “oito” romances machadianos.

Oito? Isso mesmo: na peculiar matemática literária da resenhista Rodrigues, depois de *Dom Casmurro*, Machado publicou *Memorial de Aires...* O que aconteceu com *Esau e Jacó*? Simplesmente o romance desaparece na enumeração bem informada da severa resenhista.

Há mais.

No final do primeiro parágrafo, a resenhista acredita transcrever meu texto: “(...) eis a embocadura da ‘metamorfose’ do ‘sempre solícito Machadinho’ no ‘*Machadão* que se admira em todo o mundo’ (p. 13)”¹

Creio que as aspas indicam que estou sendo citado — e agradeço a deferência. No entanto, não escrevi *Machadão*, porém o mais modesto “Machado”. Ora, “De Machadinho a Brás Cubas” é o título de ensaio seminal de Augusto Meyer, no qual ele se refere ao “Machadão”. Não deixo de ficar envaidecido com a associação inconsciente entre meu texto e a notável

* Professor de literatura comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: jccr123@yahoo.com.br.

¹ RODRIGUES, Lidiane S. O avesso das negativas. *Topoi*, v. 14, n. 27, p. 531, jul./dez. 2013; meu destaque. Nas próximas referências, citarei o número da página no corpo do texto.

intuição de Meyer. De qualquer modo, será excessivo pedir que o texto do livro “estudado” seja transcrito corretamente? Nesse caso, pelo avesso, a reprodução-fetiche do número de página torna-se cômica.

E não é tudo.

No segundo parágrafo, a resenhista Rodrigues decide restringir ainda mais o *corpus* do autor de “A causa secreta”. Após reconhecer, mais uma vez citando meu livro, que eu proponho “uma leitura cruzada da obra machadiana”, ela assevera, com razão, que eu procuro destacar “unidades temáticas e textuais presentes nos diversos gêneros exercitados”; e, aqui, por sua conta e risco, a resenhista completa, com suas próprias palavras (a redundância se impõe, pois, como não desejo que me seja atribuída a curiosa sentença que se segue, destaco em itálico o que escrevi): “*nos diversos gêneros exercitados* por Machado de Assis — crítica, crônica, teatro” (p. 531).

Assim: a obra machadiana se compõe de *crítica, crônica, teatro*. A frase é inaceitável e um aluno de graduação que a escrevesse seria sumariamente reprovado — e com justiça.

E não termina por aqui. A inventividade da resenhista Rodrigues é um poço sem fundo.

No terceiro parágrafo, a autora generosamente volta a “reproduzir” meu texto: “qual o Machado que lê e critica de modo tão acre o romance de Eça de *Queiroz?*”. Eu penso cá com as minhas batatas: escrevi Queirós e não Queiroz... Se é assim tão difícil transcrever corretamente o que o outro escreveu, imagine-se como seu argumento é “lido”.

No quarto parágrafo, a autora imagina que parafraseio Machado. Na verdade, citei o texto machadiano e, para que ninguém pensasse o contrário, deixei em itálico as frases extraídas *literalmente* dos artigos machadianos devotados à crítica de *O primo Basílio*.

Destaco essas inacreditáveis imprecisões porque elas estimulam a pergunta decisiva: como é possível que alguém com o título de doutora em história social cometa batatadas semelhantes? Na próxima seção sugiro uma resposta, antes sigo caracterizando a resenha.

A partir do quinto parágrafo, a resenhista se cansa da dicção urbana e nos oito longos parágrafos seguintes seu texto assume um divertido ar de superioridade em relação a meu livro, isso quando sua língua afiada não lida com o puro e simples deboche.

Reitero a questão-chave: como é possível aliar, sem pudor aparente, desinformação e arrogância? Por que a resenhista Rodrigues decidiu escrever acerca de um tema que evidentemente não domina e acerca de uma área de estudos que, para ela, é *terra ignota*?

A resposta equivale a uma radiografia das mazelas da endogamia universitária e do anacronismo lamentável da figura do jovem futuro professor que se esmera em emular os hábitos de um José Dias.

É chegada a hora de desatar o nó górdio.

Deixemos a diplomacia ao Conselheiro Aires.

Resenha como passaporte

No fundo, a resenhista Rodrigues inventou um novo gênero: a resenha “passaporte”.

(Em vocabulário machadiano, eis o modelo da resenha “suje-se gordo”).

Trata-se de alinhar parágrafos sob o pretexto de analisar um livro, mas, de fato, a resenha “passaporte” pretende obter o visto que assegure o ingresso formal no reino encantado da endogamia. A chave do êxito é pertencer a um grupo determinado e manter-se fiel, muito leal — chova ou faça sol.

Segundo a resenhista Rodrigues, sou um autor assombrado pelo “melindre com que reage aos possíveis questionamentos de seus leitores”.² Alguma vez a resenhista terá lido *Memórias póstumas de Brás Cubas*? Não digo o livro inteiro, pois não desejo ser rude, mas a advertência “Ao leitor”. Como era melindroso o defunto autor!

Além de dissertações de mestrado, teses de doutorado e relatórios de pesquisa, a resenhista Rodrigues terá lido *ensaios* na sua formação? Escrevemos textos e livros para *pensar problemas que de outra forma não conseguimos elaborar*. Oferecer respostas conclusivas é tarefa de epígonos e se relaciona muito mais com manifestações de beija-mão do que com pesquisa propriamente dita.

Além de diagnosticar meu melindre — me pergunto se a resenhista Rodrigues realmente compreende o sentido da palavra; em momentos de dúvida, sempre vale uma visita aos dicionários —, ela caracteriza a infantilidade de minha escrita, pois a define como uma “brincadeira de esconde-esconde de citações, referências e trocadilhos, com toda sorte de charadas eruditas que a acompanha” (p. 532).

Não comentarei seu vocabulário crítico sofisticado — melindre, brincadeira etc. —, pois cada um se expressa como pode ou como acredita que deve fazê-lo para aumentar seu crédito junto aos aliados de plantão. Mas não deixo passar o caricato autoelogio com que ela remata sua “análise”: “O autor e o livro blindam-se de tal modo com estas armas que um leitor mais frágil se intimidaria — tanto quanto um malicioso desconfia (p. 532-533)”.

Em primeiro lugar, três hurras à resenhista Rodrigues, pois ela não se intimidou; pelo contrário, mostrou à exaustão que é uma leitora cheia de malícia.

² E também a resenhista Rodrigues... Leio sua tese de doutorado e encontro a seguinte exposição de princípios: “Sensível à direção para a qual a recepção atual puxa o grupo, um de meus objetivos tornou-se compreender o sentido que eles deram ao intuito, à época em que começaram as leituras. Amalucado? Ouço a reprovação. Impossível? De acordo. Mas agi com se não fosse, e tentei realizá-lo como alguém ciente de que (*sic*) na busca de certezas, encontra-se (*sic*) somente dúvidas (...)”. RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário*. Mestres, discípulos e ‘Um Seminário’ em São Paulo (1958-1978). Tese (doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 17-18. Como é mesmo o provérbio? Corda, enforcado; algo assim, se bem me recordo.

Porém, uma professora, severa como a resenhista, tiraria muitos pontos de uma redação de vestibular assim composta: ‘O autor *e o livro blindam-se*’? A frase sugere a existência de um *bunker* textual... Deve haver limites para a deselegância da prosa — ainda que seja acadêmica. Uma composição menos pernóstica simplesmente diria: *O autor blinda o seu livro*. De igual modo, a confusão dos tempos verbais desconcerta a leitura. A autora mescla o condicional — *intimidaria* — com o presente do indicativo — *desconfia* —, solução problemática pelo paralelismo implícito na construção *tanto quanto*.

Em casos assim, há uma receita infalível: dedicar-se, por exemplo, à leitura diária da obra de Machado de Assis. *Esau e Jacó* pode ser um bom começo.

Então, eis que a resenhista Rodrigues tira um coelho da cartola: por que eu não menciono o trabalho de Pascale Casanova? Afinal, como se sabe, a simpática ensaísta francesa é especialista em Machado de Assis e possui muitos escritos sobre a *aemulatio*... A resenhista chega ao ponto cego de afirmar: “Alguns trechos de João Cezar de Castro Rocha poderiam ter sido escritos por ela” (p. 534).

Não, resenhista Rodrigues, não poderiam não! Meu livro, para o bem ou para o mal, desenvolve um método particular de leitura, no qual se busca esmiuçar os procedimentos compositivos machadianos, e, a fim de tratar das assimetrias do mercado simbólico, propõe um quadro teórico próprio composto pela “poética da emulação”. Releia a Casanova e *leia* o meu livro: sua associação é um disparate, revelando um constrangedor espírito colonial, subserviente a tudo que se escreve do outro lado do oceano. No fundo, a resenhista parece acreditar que Casanova é uma referência incontornável. Qualquer pessoa minimamente familiarizada com teoria da literatura conhece os inúmeros reparos feitos às insuficientes análises textuais de Casanova. Não é o caso da resenhista Rodrigues, mas, como veremos na próxima seção, ela resenhou *Martinha versus Lucrecia* com um entusiasmo contagiante. Será que ela não leu a nota de número 13, na página 17?

A escassez do repertório da resenhista revela-se de maneira caricatural em outra passagem. Como o vocabulário da *aemulatio* e sua complexa arte combinatória foram obliterados pelo advento do romantismo, frisei, em mais de uma ocasião, a circunstância *técnica* e não *psicológica* do procedimento.

A resenhista Rodrigues surpreendeu-se: “Por que, de modo algo aflitivo, *reagir*: ‘não se trata de questão psicológica’ (...) — aliás, a quem ocorreria pensar que concorrência entre praticantes de alguma arte é ‘psicológico’” (534-535; destaque da resenhista).

Passo a passo.

Princípio pelo texto.

Eis a involuntária ironia: a resenhista troça, com indisfarçável gosto, do possível caráter psicológico, mas eu reajo *de modo algo aflitivo*... Como conter o riso? A resenhista não relê o que escreve? Nem sempre viver à sombra de nomes consagrados é blindagem suficiente.

Salvo engano, no final da frase, a fim de concordar com *concorrência*, palavra inadequada no campo semântico da *aemulatio*, a resenhista deveria ter escrito “psicológica” — me espanto com tantos problemas básicos de composição.

Contudo, esqueço esses pormenores.

A formulação “a quem ocorreria” tem a função de desqualificar o ingênuo autor que eu sou. Ora, resenhista Rodrigues, tal “ingenuidade” ocorreu não apenas ao melindroso João Cezar, porém, em primeiro lugar, ao Estagirita.

Dixit — assim se dizia.

(Matou a *charada erudita*? O crítico literário José de Alencar aprovaria o gesto.)

E ocorreu também a Quevedo, comentando a Aristóteles. E a Montaigne, no ensaio sobre os canibais. Etc. etc. etc. Isto é, estou em boa companhia, pois minha “ingenuidade” inquietou a quase todos os que convivem com artistas e escritores para além dos muros de grupos fechados.

Além disso, caro leitor desta resposta, veja que notável coincidência: nas páginas 214 e 215 do meu livro transcrevo o Estagirita e Quevedo tratando exatamente do tema que deixou a resenhista Rodrigues atônita. Ademais, a associação imediata entre *aemulatio* e “concorrência” beira a grosseria conceitual, demonstrando um corajoso desconhecimento da tradição retórica.

A pergunta-chave retorna: como é possível que Lidiane Soares Rodrigues tenha se aventurado a resenhar um livro que propõe um quadro teórico com base na apropriação deliberadamente anacrônica da *aemulatio*? Simplesmente ela desconhece o assunto com uma bravura invejável. Em qualquer ambiente intelectual sério, seus tropeços tornar-se-iam folclóricos.

Ao mestre com carinho

A resposta se encontra na última frase da “resenha”: “*Ao vencedor, as batatas*” (p. 536; meu destaque). Louve-se a sutileza da referência, rematando o argumento com estilo.

O.k., resenhista Rodrigues, você venceu... diria o cancionista popular; aqui, fazendo jus ao nível do seu texto.

Recorro a outro expediente, reconhecendo a contribuição invulgar da autora. Afinal, ela já havia criado outro gênero: a resenha “ao mestre com carinho”.

(Em vocabulário machadiano, eis o modelo da resenha “José Dias”).

O estilo da autora é camaleônico e a chave da leitura do “estudo” do meu livro é a resenha dedicada a *Martinha versus Lucrecia*, passando pela notícia de *Brasilidade revolucionária*, de Marcelo Ridenti.

Eis a última frase da segunda resenha: “A rotação das atenções para ela, parece-nos, *segundo modesta leitura*, consistir numa das contribuições *salutares* do presente trabalho, *que tanto gostamos de ler*”.³

A mordacidade e a ironia se transformam em *sermo humilis* e avaliação “crítica” afetiva. A resenhista Rodrigues também sabe calçar as sandálias da humildade. E mesmo deixar-se levar pelo mais genuíno entusiasmo. Assim ela começa a resenha da reunião de *ensaios e entrevistas*, como esclarece o subtítulo de *Martinha versus Lucrecia*: o livro “apresenta uma urdidura notável”. Adiante, ela justifica o adjetivo: “Há cálculo na disposição dos textos (...)”.⁴

Verdade?

Seria curioso imaginar um livro composto por textos diversos que abdicasse de um princípio qualquer de organização. O Conselheiro Acácio não faria melhor: as duas frases não querem dizer nada; no limite, constituem um previsível elogio “abre-alas”. No final da introdução da resenha, contudo, a autora permitiu-se adicionar uma nota que mais parece uma mensagem de José Dias psicografada pela resenhista Rodrigues.

Ei-la na íntegra:

Martinha versus Lucrecia foi discutido em reunião do Projeto Temático Fapesp, “Formação do campo intelectual e indústria cultural no Brasil contemporâneo”, coordenado por Sergio Micelli, em 25/6/2012, *com a presença de Roberto Schwarz*. Nesta ocasião, a convite de Heloisa Pontes, apresentei-os (*sic*). Desta atividade e da parceria de pesquisa com Rodrigo Ramassote, resulta o que se segue. Sou *sinceramente* grata a todos. (p. 306; destaques meus).

Não discutirei mais os problemas de redação, concentro-me na ingenuidade do estilo “ao mestre com carinho”. Qual a importância para a escrita da resenha da *presença de Roberto Schwarz*? Tal “chancela” é relevante? Por quê? Em tese, basta a leitura séria do livro e alguma independência intelectual. Caso contrário, a dicção desliza, ligeira, do deboche e da superioridade — caso do meu livro — ao *sermo humilis* — na recensão de Marcelo Ridenti — e, por fim, ao deslumbramento submisso.

Não exagero.

Leia-se parte do último parágrafo da mesma resenha:

³ RODRIGUES, Lidiane Soares. Revolução e mercado. *Estudos Históricos*, v. 24, n. 48, p. 440, jul./dez. 2011; destaques meus.

⁴ RODRIGUES, Lidiane Soares. *Martinha versus Lucrecia*: ensaios e entrevistas. *Tempo Social*, v. 24, n. 1, p. 305, 2012. Nas próximas referências, citarei o número da página no corpo do texto.

O que dizer, então, de *total acordo* entre livro e resenhista? A *tentação* é sempre estabelecê-lo com Roberto Schwarz, *claro*. Porém, instada a escolher entre os melindres de elegância — que caem bem para *um livro que amamos* — e o espírito de dúvida moderno, fiquei com o segundo, *sem amá-lo menos* (p. 310; meus destaques).

As palavras grifadas pouco ou nada se associam à atividade crítica; antes elas invadem de forma surpreendentemente desinibida o campo dos afetos, num autêntico *desfalecimento* — a resenhista Rodrigues entenderá a alusão. Seu estilo camaleônico é paradoxalmente monótono: quanto mais próximo do grupo ao qual deseja pertencer, mais afetiva é a linguagem e mais enfática a admiração; sempre muito *sincera*, não se duvide.

O truque é vetusto. Antonio Candido já o identificara na *Formação da literatura brasileira*: nas décadas iniciais do Segundo Reinado a amizade de Gonçalves de Magalhães equivalia a um passaporte para o ingresso na vida literária da Corte. No reino encantado da endogamia, em pleno século XXI, o modelo segue atual. Por isso, Lidiane Soares Rodrigues decidiu escrever sobre meu livro, a fim de reiterar seus laços de afinidade e de pertencimento a determinado grupo. Em nenhum momento, ela parece compreender que proponho um método próprio de leitura, com base na “descrição densa”, desenvolvida por Clifford Geertz. Muito menos ela percebe que articulo um quadro teórico novo, a poética da emulação. Em autêntico ato falho, ela pontifica que o relevante trabalho “teórico” de Casanova ajudaria a “conferir maturidade à crítica, em muitos rincões, ainda presa a uma relação encantada e infantil com os autores que analisa” (p. 534).

Claro, caso contrário, como driblar a *tentação* de *amá-lo*, dado o *total acordo* entre tensão “crítica” e texto “analisado”?

Não vou recuar: a resenha sobre meu livro é um aceno — mais um! —, uma demonstração — ainda outra! —; em suma, um reforço da aliança que a resenhista Rodrigues deseja manter com Roberto Schwarz, em particular, e com certa tradição uspiana, em sentido mais amplo. Por isso, toda sua resenha poderia ser substituída pela última frase: “*Ao vencedor, as batatas*”. Daí sua obsessão com a ideia de “concorrência”, palavra que não emprego uma vez sequer no meu livro. Palavra que encerra a resenhista no reino encantado da endogamia, revelando um entendimento ralo, mesmo vulgar, da complexidade dos procedimentos na técnica da *aemulatio*.

Coda

Um último ponto, pois não desejo ser interpretado de maneira apressada.

É verdade que não sigo o programa de Roberto Schwarz, embora admire seu trabalho.

Resenhei *Martinha versus Lucrecia* para *O Estado de S. Paulo*,⁵ e devo ter sido o primeiro crítico a destacar, na imprensa, no extinto *Jornal do Brasil*, sua crescente e merecida recepção internacional, mencionando dados concretos. Portanto, sempre valorizei a importante obra de Schwarz, mas quero ter o direito de tropeçar com minhas próprias pernas e equivocarme com minhas próprias ideias.

Por isso, não faço parte de grupo algum; logo, não sigo credos. Caso contrário, o reino encantado da endogamia transformará a universidade numa sucursal provinciana do “pequeno núcleo” dos Verdurin com seus códigos caricatos e seu repertório cultural limitado.⁶

Em 2005, já havia mexido nesse vespeiro:

Como o resenhista anota, não sigo o programa de Roberto Schwarz — por que deveria? Admiro, sobretudo, Antonio Candido e, entre outros, o próprio Schwarz, Silviano Santiago, Walnice Nogueira Galvão. Mas, por que contentar-me em ser um disciplinado epígono? Prefiro correr riscos. Infelizmente, há intelectuais que optam pela segurança da carreira à sombra de nomes consagrados. Machado de Assis não estudou o professor universitário “agregado”: em sua época, as universidades inexistiam.⁷

Passaram-se dez anos e sigo cada vez mais convencido do acerto de minha opção.

⁵ ROCHA, João Cezar de Castro. Memórias oblíquas de um intelectual. *Sabático*, 28 abr. 2012. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/impresso,memorias-obliquas-de-um-intelectual,866463,0.htm>.

⁶ A descrição do narrador proustiano cai como uma luva para entender a endogamia acadêmica: “Para fazer parte do ‘pequeno núcleo’ do ‘pequeno grupo’, do ‘pequeno clã’ dos Verdurin, bastava uma condição, mas esta indispensável: aderir totalmente a um credo (...)”. PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Volume I. No caminho de Swann. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, 2011. p. 253.

⁷ ROCHA, João Cezar de Castro. Doutores e agregados. *Folha de S. Paulo*, 18 set. 2005. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200512.htm>.